

Refutando  
A  
Predestinação  
Dos  
Santos  
de  
Agostinho

## Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Cristo, Escriba de Refutando a Predestinação dos Santos de Agostinho, 1969 – Itariri, Amazon.com*

*Clubedesautores.com.br, 2019 102 p. ; 21 cm*

*ISBN- 9781687791474 Edição 1°*

1. Filosofia 2. Cristianismo 3. Predestinação

4. Religião 5. Agostinho de Hipona

*CDD 210*

*CDU 27*

**CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL  
-CGC 66.504.093/0001-08**

## ÍNDICE

1. A obra é resposta às cartas de Próspero e Hilário
2. O princípio da fé também é dom de Deus
3. O autor confessa seu antigo erro sobre a graça  
Texto das Retratações
4. A revisão de sua doutrina pelas Retratações
5. A gratuidade refere-se também à fé; não somente aos bens da natureza
6. Os insondáveis juízos de Deus e a predestinação dos santos
7. A fé é o fundamento da vida espiritual
8. Mistérios dos desígnios de Deus
9. O autor reassume ensinamentos desenvolvidos em outro trabalho
10. A diferença entre graça e predestinação
11. A fé e a salvação são dons de Deus
12. Não há justificação pelos méritos futuros
13. A remissão dos pecados pelo batismo
14. Não há julgamentos para merecimentos futuros
15. Jesus Cristo, exemplar perfeito da predestinação

Refutando a Predestinação dos Santos - Escriba de Cristo

16. Entre os judeus, uns foram chamados e eleitos, outros, apenas chamados
17. A vocação dos eleitos
18. A eleição é meio para a santidade e não efeito da santidade
19. Refuta objeções e reafirma que mesmo a fé inicial é dom de Deus
20. Deus é o Senhor das vontades humanas
21. Conclusão

**ARMÍNIO x CALVINO**

**Principais teses**  
**Expição**

<b>Calvinismo</b>	<b>Arminianismo</b>
<b>Jesus não morreu por todos os homens, mas pelos eleitos.</b>	<b>Jesus morreu por todos, embora nem todos aceitem seu sacrifício.</b>
Bem como o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de <b>muitos</b> (Mateus 10:28). Leiamos Mateus 26:28 e Hebreus 9:28.	Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal (I Timóteo 1:15). Leiamos Isaías 53:6 e 55:7.

## Capítulo 1

### A obra é resposta às cartas de Próspero e Hilário

1. Sabemos que o Apóstolo disse na Carta aos Filipenses: Escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós (3,1). Contudo, escrevendo aos gálatas, ao constatar que lhes transmitira pelo ministério da palavra o suficiente, o que considerava essencial, diz: Quanto ao mais ninguém me obrigue a mais trabalho, ou como se lê em muitos códices: Doravante ninguém mais me moleste (Gl 6,17).

Embora confesse que me causa desagrado a falta de fé nas palavras divinas, tão numerosas e tão claras, que proclamam a graça de Deus — a qual não é graça, se nos é outorgada de acordo com nossos merecimentos — falta-me palavras para mostrar minha estima por vós, filhos caríssimos Próspero e Hilário, à vista de vosso zelo e amor fraternos em não querer que continuem no erro os que pensam de modo contrário. Eis por que desejais que escreva mais ainda apesar de tantos livros e cartas publicados por mim sobre o assunto. E sendo tamanho meu apreço por vós à vista de tudo isto, não ousa dizer que seja o que mereceis. Assim, torno a escrever-vos, e o faço não porque tendes necessidade de mais esclarecimentos, mas apenas sirvo-me de vós como intermediários para expor o que julgava ter feito suficientemente.

Próspero e Hilário são dois cristãos que não acreditam no determinismo de que Deus escolheu uns para serem salvos e o resto para se lascarem no inferno. O que esta de pleno acordo com a razoabilidade que se espera de um Deus justo.

2. Havendo, pois, considerado vossas cartas, parece-me perceber que os irmãos, pelos quais manifestais tão piedosa solicitude, devem ser tratados como o Apóstolo tratou aqueles aos quais diz: Se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá, evitando, por um lado, a sentença do poeta que afirmou: Confie cada um em si mesmo (Vírg. Eneida, 1, II, V 309), mas acatando por outro lado o que disse o profeta: Maldito o homem que confia no homem (Jr 17,5). Com efeito, ainda caminham às cegas na questão sobre a predestinação dos santos, mas se a este respeito pensam de outro modo, têm tudo para poder alcançar que Deus lhes revele a verdade, ou seja, se perseverarem no caminho ao qual chegaram. Por isso, o Apóstolo, após dizer: Se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá, afirma em seguida: Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegemos, conservemos o rumo (Fl 3,15-16).

Esses nossos irmãos, alvos de vossa solicitude e piedosa caridade, chegaram ao ponto de crer com a Igreja de Cristo que o gênero humano nasce sujeito ao pecado do primeiro homem e que alguém se livra deste mal somente pela justiça do segundo homem. Chegaram também a confessar que a graça de Deus se antecipa às vontades humanas e que ninguém tem capacidade de

Refutando a Predestinação dos Santos de Agostinho – Escriba de Cristo

começar ou terminar uma boa obra por suas próprias forças.

Professando estas verdades, às quais chegaram, distam muito do erro dos pelagianos. E se nelas permanecerem e suplicarem àquele que concede o dom da inteligência e se pensarem diferentemente acerca da predestinação, ele lhes revelará a verdade. Mas nem por isso lhes neguemos o afeto de nossa caridade e o ministério da palavra, conforme no-lo conceder aquele a quem rogamos que lhes possamos dizer neste escrito o que lhes for conveniente e útil. Quem sabe se nosso Deus não quer fazer-lhes o bem mediante esta nossa disponibilidade, que nos leva a servi-los na livre caridade de Cristo?



## Capítulo 2

### O princípio da fé é também dom de Deus

3. Devemos demonstrar primeiramente que a fé, que nos faz cristãos, é dom de Deus, e o faremos, se possível, com mais brevidade do que empregamos em tantos e volumosos livros. Mas agora vejo que devo dar uma resposta aos que dizem que os testemunhos divinos, mencionados por nós e concernentes ao assunto, valem apenas para provar que podemos adquirir o dom da fé por nós mesmos, ficando para Deus só o seu crescimento em virtude do mérito com o qual ela começou por nossa iniciativa.

Com esta crença não se desvia da sentença que Pelágio foi impelido a condenar no concílio da Palestina, como o atestam as próprias atas: “A graça de Deus é-nos concedida de acordo com nossos méritos”. Esta doutrina advoga que não se atribui à graça de Deus o começar a crer, mas ela nos é acrescentada para que acreditemos mais plena e perfeitamente. Assim, primeiramente oferecemos a Deus o começo de nossa fé para receber o acréscimo e qualquer outra coisa que lhe peçamos em nossa fé.

4. Mas por que não ouvir as palavras do Apóstolo que contrariam esta doutrina: Quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos! Amém! (Rm 11,35-36). Portanto, o próprio início de nossa fé, de quem procede senão dele? E não se há de admitir que todas as coisas procedem dele exceto esta, mas, sim, tudo é dele, por ele e para ele. E quem dirá que aquele que já começou a crer, não tem merecimento junto àquele no qual crê? Daí se concluiria o poder dizer-se que as demais graças seriam acrescentadas como retribuição

divina aos que já têm merecimento, o que seria afirmar que a graça de Deus nos é outorgada de acordo com nossos merecimentos. Evitando que esta proposição fosse condenada, ele mesmo a condenou.

Conseqüentemente, quem pretender evitar esta sentença condenável, entenda a verdade contida nas palavras do Apóstolo, que diz: Pois vos foi concedido, em relação a Cristo, a graça de não só crerdes nele, mas também depor ele sofrerdes (F1 1,29). O texto revela que ambas as coisas são dom de Deus, porque disse que ambas as coisas são concedidas. Não diz: “A fim de que nele acrediteis mais plena e perfeitamente”, mas de crerdes nele. E não disse também que alcançou a misericórdia para ser mais fiel, mas para ser fiel (I Cor. 7,25), porque sabia não ter oferecido a Deus o começo da fé por sua iniciativa e ter recebido dele posteriormente, como retribuição, o seu crescimento. Fê-lo apóstolo aquele que o fez crer.

Estão consignados também na Escritura os começos de sua fé e são muito conhecidos através da leitura nas igrejas. Segundo estes dados, estando afastado da fé que combatia e da qual era acérrimo inimigo, converteu-se repentinamente para a mesma fé por uma graça especial. Converteu-o aquele a quem foi dito pelo profeta: Porventura não nos tornarás a dar a vida? (Sl 84,7), para que não apenas o que não queria crer, passasse a crer de livre vontade, mas também de perseguidor passasse a sofrer perseguição em defesa da fé, que ele perseguia. Foi-

Ihe concedido pelo Cristo não somente que nele acreditasse, mas também que por ele sofresse.

5. E assim, mostrando o valor desta graça, que não é concedida de acordo com os méritos, mas é causa de todos os bons méritos, diz: Não como se fôssemos dotados de capacidade que pudéssemos atribuir a nós mesmos, mas é de Deus que vem a nossa capacidade (2Cor 3,5). Ouçam estas palavras, com atenção, e reflitam sobre elas os que pensam atribuir a nós o começo da fé e a Deus o seu crescimento.



Quem não vê que primeiro é pensar e depois crer? Ninguém acredita em algo, se antes não pensa no que há de crer. Embora certos pensamentos precedam de um modo instantâneo e rápido a vontade de crer, e esta vem em seguida e é quase simultânea ao pensamento, é mister que os objetos da fé recebam acolhida depois de

terem sido pensados. Assim acontece, embora o ato de crer nada mais seja que pensar com assentimento. Pois, nem todo o que pensa, crê, havendo muitos que pensam, mas não crêem; mas todo aquele que crê, pensa, e pensando crê e crê pensando.

Portanto, no tocante à religião e à piedade, do qual falava o Apóstolo, se não somos idôneos para pensar coisa alguma pela nossa capacidade, mas nossa capacidade vem de Deus, conseqüentemente não somos capazes de crer em alguma coisa pelas nossas forças, o que não é possível senão pelo pensamento, mas nossa capacidade, mesmo para o início da fé, vem de Deus.

Do que se conclui, portanto, que ninguém é capaz por si mesmo de começar ou consumir qualquer boa obra, o que aqueles nossos irmãos aceitam como vossos escritos o manifestam, e que, para começar e consumir toda boa obra, nossa capacidade vem de Deus. Do mesmo modo, ninguém é capaz por si mesmo ou de começar a ter fé ou de nela crescer, mas nossa capacidade vem de Deus. Porque, se não existe fé se não há pensamento, também não somos capazes de pensar algo como de nós mesmos, mas nossa capacidade vem de Deus.

6. Deve-se evitar, amados irmãos no Senhor, que o homem se engrandeça contra Deus ao dizer que é capaz de fazer o que ele prometeu. Não foi prometida a Abraão a fé dos pagãos e ele, glorificando a Deus, não acreditou plenamente porque tem o poder de cumprir o

que prometeu? (Rm 4,20-21) Portanto, é autor da fé dos pagãos aquele que tem poder de cumprir o que prometeu.

Assim, se Deus é autor de nossa fé, agindo de modo maravilhoso em nossos corações para que creiamos, haverá razão para temer que ele não seja o autor de toda a fé, de sorte que o homem atribua a si mesmo o começo da fé, para merecer apenas receber dele o seu aumento?

Tende em conta que se o processo é diferente e assim a graça de Deus nos seja concedida em vista de nossos méritos, esta graça não é mais graça. Com efeito, neste caso é devolvida como paga e não é dada gratuitamente. Pois é devida ao crente para que sua fé cresça pelo auxílio do Senhor e a fé aumentada seja a recompensa da fé começada. Não se percebe, quando se diz isto, que esta recompensa é imputada aos crentes não como uma graça, mas como uma dívida.

Se o homem pode criar para si o que não possuía antes e pode aumentar o que criou, não vejo outra razão para não se lhe atribuir todo o mérito da fé, a não ser o não poder se opor aos testemunhos mais que evidentes que provam ser dom de Deus a virtude da fé, de onde se origina a piedade. Entre outros, este: De acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um (Rm 12,3), e este outro: Aos irmãos, paz, amor e fé da parte de Deus, o Pai, e do Senhor Jesus Cristo (Ef 6,23), e outros semelhantes.

Não querendo opor-se a testemunhos tão evidentes, mas querendo atribuir a si o fato de crer, o homem quer fazer uma composição com Deus, arrogando-se uma parte da fé e deixando-lhe outra parte. E o que é mais insolente: arroga para si a primeira parte e atribui a Deus a seguinte, e no que diz ser de ambos, em primeiro lugar e a Deus em segundo plano.

Entenda uma coisa, Agostinho de Hipona:

Estamos no ônibus da salvação, Deus é o dono do ônibus e o ônibus tem destino ao céu, mas o homem tem livre-arbítrio para não entrar no ônibus.

Usemos, portanto, uma imagem para transmitir o nosso conceito teológico.

Quando você pega um ônibus em Maceió para Salvador, o seu destino é Salvador.

Você está destinado a ir a Salvador.

De qualquer forma, esse destino final não é irrevocável, não é fatal. De fato, durante a viagem, você pode mudar de idéia, pode receber uma notícia e decidir voltar; pode ser que aconteça um acidente, uma ponte pode ter caído e a estrada encontrar-se interrompida.

São inúmeras as possibilidades que podem afastar você do seu destino. Inclusive pode ser que você adie a viagem, que não chegue em Salvador hoje, mas daqui a um mês.

Com a nossa vida de cristãos acontece mais ou menos assim.



### Capítulo 3

## **O autor confessa seu antigo erro sobre a graça**

### Texto das “Retratações”

7. Não pensava assim aquele piedoso e humilde Doutor - refiro-me ao bem-aventurado Cipriano -, que disse: “Não há razão para nos gloriarmos, quando nada é nosso” (A Quirino, 1,111, c.4). E para demonstrá-lo, apresentou como testemunha o Apóstolo, que diz: Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido? (1Cor 4,7). Servindo-me principalmente deste testemunho, convenci-me também do erro, quando nele laborava, julgando que a fé, que nos leva a crer em Deus, não era dom de Deus, mas se originava em nós por nossa iniciativa, e mediante ela implorávamos os dons de Deus para viver sóbria, justa e piedosamente neste mundo.

Não julgava que a fé fosse precedida pela graça de Deus, de sorte que por ela recebêssemos o que pedíssemos convenientemente, mas pensava que não podíamos ter fé, se não a precedesse o anúncio da verdade. Porém, o acolhimento à fé era iniciativa nossa, uma vez recebido o anúncio do evangelho e julgava ser merecimento nosso. Alguns opúsculos de minha lavra, escritos antes de ser ordenado bispo, revelam com clareza este erro. Entre eles está o mencionado em vossas cartas, onde se encontra o comentário sobre algumas proposições da Carta aos Romanos.

Finalmente, ao fazer a revisão de todas as minhas obras e ao consignar por escrito esta revisão, de cuja obra já terminara dois livros antes que tivesse recebido vossos escritos mais extensos, e tendo chegado à revisão do referido livro no primeiro volume, assim me expressei: “E discutindo também sobre o que Deus elegeu no não ainda nascido, ao qual disse que serviria o maior, e o que reprovou no mesmo mais idoso também ainda não nascido — aos quais, embora escrito muito mais tarde, faz referência o testemunho profético: Amei Jacó e aborreci Esaú (Rm 9,13; Mt 1,3)—, cheguei a este raciocínio e disse: “Deus não elegeu na sua presciência as obras de cada um, que ele mesmo haveria de realizar, mas elegeu a fé conforme à mesma presciência, de modo que, conhecendo previamente o que nele havia de crer, escolheu-o para dar-lhe o Espírito Santo, e assim pela prática das boas obras, obtivesse também a vida eterna.

Ainda não pesquisara com toda diligência, nem ainda descobrira o que fosse a eleição da graça, da qual

diz o mesmo Apóstolo: Constituiu-se um resto segundo a eleição da graça (Rm 11,5). Esta não é graça, se a precede qualquer mérito, e o que se concede não como graça, mas como dívida, concede-se como recompensa aos méritos e não é concessão. Por conseguinte, o que disse à continuação: “Pois diz o mesmo Apóstolo: E o mesmo Deus que realiza tudo em todos (1 Cor 12,6), nunca se disse que Deus crê todas as coisas em todos”. E acrescentei em seguida: “Porque cremos, é mérito nosso, mas fazer o bem pertence àquele que dá aos crentes o Espírito Santo”. No entanto, não o diria, se já soubesse que a própria fé se encontra entre os dons de Deus outorgados no mesmo Espírito.

Portanto, ambas as coisas as realizamos pelo assentimento da liberdade, e ambas, no entanto, são concedidas pelo Espírito de fé e de caridade. Pois, não somente a caridade, mas como está escrito: Amor e fé da parte de Deus, o Pai, e do Senhor Jesus Cristo (Ef 6,23). E também o que afirmei um pouco depois: “Pertence a nós o querer e o crer, mas a ele conceder aos que querem e crêem a faculdade de praticar o bem pelo Espírito Santo, pelo qual a graça foi derramada em nossos corações”, é verdade, mas de acordo com o mesmo processo, ou sei a, ambas são dele, porque prepara a vontade, e ambas são nossas, porque não se realizam sem o nosso assentimento. E também o que disse depois: “Não podemos nem querer, se não somos chamados e, ao querermos após ser chamados, não bastam a nossa vontade e a nossa corrida, se Deus não der forças aos que correm e os leve aonde os chama. E o que acrescentei em seguida: Não depende, portanto,

daquele que quer, nem daquele que corre, mas de Deus, que faz misericórdia (Rm 9,16), para podermos praticar o bem, é verdade absoluta.”

Mas dissertei com muita brevidade acerca da vocação que ocorre segundo o desígnio de Deus. Pois não é assim a vocação de todos, mas somente dos eleitos. Por isso, quando disse um pouco depois: “Assim como naqueles que Deus elege, a fé, e não as obras, dá início ao mérito a fim de que pelo dom de Deus se pratique o bem, assim naqueles que ele condena, a infidelidade e a impiedade são o princípio do demérito, a fim de que pelo mesmo castigo também se pratique o mal”, essas palavras são expressão da verdade absoluta. Mas não disse que o mérito da fé seja também um dom de Deus nem julguei que seria um assunto a averiguar.

E afirmei em outro lugar: De modo que ele faz misericórdia a quem quer e endurece a quem ele quer (Rm 9,18) e deixa-o para que pratique o mal. Mas a misericórdia é outorgada ao mérito precedente da fé, e o endurecimento, à iniquidade precedente. Isto é indubitavelmente certo, mas devia-se investigar ainda se o mérito da fé provém da misericórdia de Deus, isto é, se esta misericórdia favorece o homem porque crê ou favoreceu para que cresça. Pois lemos o que diz o Apóstolo: Como quem alcançou misericórdia para ser fiel (1 Cor 7,25). Não diz: porque era fiel. Portanto, a misericórdia é na verdade concedida ao que é fiel, mas foi concedida também para ser fiel.



E assim, com toda verdade, afirmei em outro lugar do mesmo livro: “Porque se não é pelas obras, mas pela misericórdia de Deus que somos chamados para ser fiéis e, sendo fiéis, é concedida para praticarmos o bem, esta misericórdia não se há de negar aos pagãos”; se bem é certo que tratei ali com mais brevidade da vocação que se realiza segundo o desígnio de Deus” (Retratações, 1, cap. 23 nn. 3-4).

## Capítulo 4

### **A revisão de sua doutrina pelas Retratações**

8. Assim tomais conhecimento sobre o que eu pensava então sobre a fé e as obras, embora me esforçasse em prestigiar a graça de Deus. Vejo agora que esses nossos irmãos abraçam esta opinião porque não cuidaram de progredir comigo do mesmo modo que se